

Boletim do Observatório da Indústria

2019 | n.3

ISSN 2594-3804

Boletim do Observatório da Indústria

2019 | n.3

ISSN 2594-3804

PESQUISADOR COORDENADOR
Prof. Dr. Marcelo Arend
(UFSC)

PESQUISADOR
Prof. Dr. Glaison Augusto Guerrero
(UFRGS)

Copyright © 2019 dos autores

Todos os direitos desta edição reservados ao

Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento

O **Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento** é uma associação civil de direito privado, de interesse público, sem fins lucrativos, cujos objetivos são: a documentação, o estudo e o debate do desenvolvimento do Brasil em todas as suas dimensões, em especial as sociais, políticas e regionais.

Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento

Av. Rio Branco, 124/1304 – Edifício Edison Passos

Centro – Rio de Janeiro – RJ – 20.040-001

Tel.: (55 21) 2178-9540

www.centrocelsofurtado.org.br – centro@centrocelsofurtado.org.br

Revisão: Priscilla Morandi

Projeto gráfico e Diagramação: Letra e Imagem Editora

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

B668 Boletim do Observatório da Indústria. – Ano 3, n.3 (2019)
Rio de Janeiro : Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento : Letra e Imagem, 2019.
v.3, n.3

ISSN: 2594-3804

1. Industrialização – Periódicos. 2. Desenvolvimento econômico – Periódicos. 3. Desenvolvimento nacional – Periódicos. 4. Comércio exterior – Periódicos. I. Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

CDU 330.341.424

Letra e Imagem Editora e Produções Ltda.

Rua Almirante Alexandrino, 1494/S-201 – Santa Teresa – Rio de Janeiro

CEP: 20.241-263

Tel.: (55 21) 2558-2326



Sumário

Apresentação	5
O boletim do Observatório da Indústria nº 3. Estagnação econômica e depressão industrial	7
Qual a dimensão da crise econômica contemporânea em perspectiva histórica?	9
Desempenho internacional da indústria brasileira	17
Panorama contemporâneo da indústria brasileira	23
Dinâmica interna: oferta, demanda, investimento e crédito	23
Produção física da indústria brasileira	30
Emprego e produtividade do trabalho	34
Evolução e dinamismo do setor de bens de capital	38
Comércio exterior	40
ARTIGOS	
Taxa real de câmbio e mudança estrutural: teoria e evidência para o caso brasileiro	47
<i>José Luis Oreiro, Paulo Gala, Helder Lara Ferreira Filho e Luciano Pereira da Silva</i>	
20 anos de importações industriais no Brasil	53
<i>David Kupfer e Julia Torracca</i>	

20 anos de importações industriais no Brasil

David Kupfer¹
Julia Torracca²

Introdução

A indústria brasileira enfrenta uma crise de longa duração, cuja etapa mais profunda já está perto de completar uma década. Isso é evidenciado de forma cabal por um dado muito simples e inquestionável, divulgado em relatório recente da Unido. Segundo a publicação, a participação do valor adicionado pela indústria brasileira no total mundial caiu de 2,8% em 2002 para 1,8% em 2018. É fato que quase todos os países ditos industrializados apresentaram perda de participação devido ao crescimento espetacular da China (de 11,5% para 24,9% em igual período), mas igualmente é fato que o Brasil exibe uma das maiores quedas proporcionais no bloco das nações mais industrializadas.

O retrocesso da indústria brasileira é reflexo de múltiplas causas estruturais que se acumulam há décadas,

adicionadas a outras razões conjunturais mais recentes que se fizeram sentir após a crise de 2015 e a subsequente estagnação da economia nacional. A análise do padrão dinâmico que caracterizou o último ciclo de crescimento da economia brasileira, que se estendeu de 2004 e 2010, permite constatar o nítido descolamento que ocorreu entre as trajetórias do setor industrial e do conjunto da economia. Enquanto a economia exibia números positivos de crescimento do PIB, de melhoria na distribuição de renda, de redução do desemprego e de estruturação do mercado de trabalho, dentre outros, a indústria enfrentava um círculo vicioso de fragilização, caracterizado por um hiato crescente de produtividade, competitividade e inovação, que, por sua vez, determinavam um distanciamento cada vez maior da fronteira produtiva e tecnológi-

¹ Professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC-IE/UFRJ).

² Professora da Faculdade de Economia da UFF e pesquisadora do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC-IE/UFRJ).

ca internacional. O fato é que, em consequência desses hiatos de desempenho, os potenciais impactos do crescimento econômico sobre a indústria foram seriamente restringidos pelo “vazamento” para o exterior dos impulsos de demanda então existentes.

Esse breve artigo tem por finalidade enfatizar a contribuição que o fluxo de importações de bens vem exercendo sobre o desempenho da indústria em uma perspectiva de longo prazo. Esse é um tema que, por razões que escapam à compreensão mais imediata, não tem sido muito explorado nas análises sobre a indústria brasileira.

O artigo se desdobra em duas frentes. A primeira delas recorre à base de dados construída no GIC-IE/UFRJ para o cálculo de taxas de câmbio reais efetivas, seguindo a metodologia descrita em Torracca e Kupfer (2013)

para discutir a contribuição do crescimento do PIB e da taxa de câmbio para o comportamento das importações agregadas no período. A segunda frente busca extrair implicações da análise anterior para a evolução futura da indústria. Para tanto, realiza uma análise estrutural da balança comercial brasileira, de modo a individualizar o comportamento dos diferentes grupos industriais de acordo com uma tipologia também estabelecida pelo GIC-IE/UFRJ. Nessa análise, o foco é a evolução do saldo, como indicador de competitividade internacional, e da corrente de comércio, como indicador da abertura externa da economia brasileira, para cada grupo industrial, considerando o início da década passada até os dias atuais. O artigo finaliza com a apresentação de algumas implicações dos resultados encontrados.

Determinantes do comportamento das importações brasileiras: 1998-2018

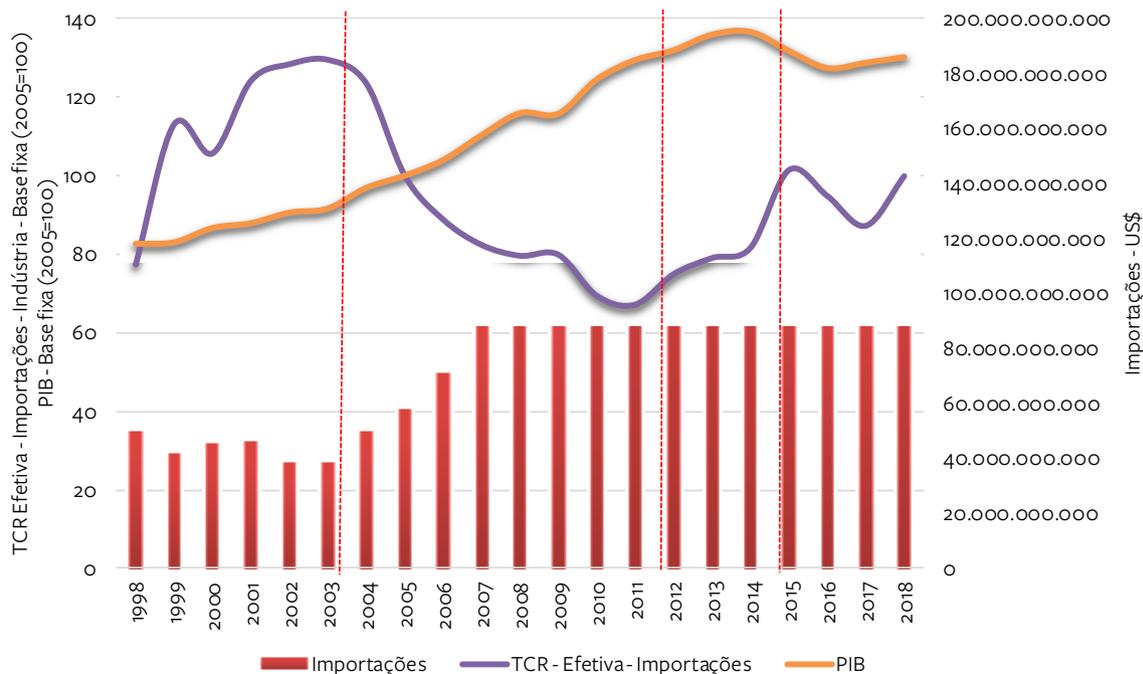
A maior parte dos estudos sobre a relação entre câmbio e indústria no Brasil opta por concentrar o esforço analítico na reflexão sobre a taxa de câmbio efetiva e as exportações. Nesse caso, o interesse está posto na competitividade externa da indústria brasileira, que, por sua vez, depende, fundamentalmente, do ritmo de expansão do comércio mundial e da sua capacidade de manter ou expandir o seu *market share* nesses mercados externos. Nesse caso, a demanda mundial cumpre uma função relevante para a determinação das exportações domésticas.

Embora de grande relevância, esses estudos não enfocam o outro lado do problema industrial que se origina do comportamento das importações como reflexo da competitividade da indústria em manter ou expandir o seu *market share* no mercado doméstico *vis-à-vis* a penetração de importações. Nesse caso, além da competitividade da indústria nacional frente aos exportadores de terceiros países, as importações são comandadas pelo grau de absorção doméstica dos bens, definido pela taxa de dinamismo do mercado interno.

O Gráfico 1 relaciona a evolução das importações industriais em contraposição à taxa de câmbio efetiva das importações e do PIB para o período 1998 a 2018. A análise para esses vinte anos pode ser subdividida em qua-

tro períodos históricos, assim como exposto na Tabela 1. No primeiro subperíodo, de 1998 a 2003, destaca-se um movimento de forte desvalorização cambial acompanhado por uma queda anual média das importações em torno de 6% e crescimento anual médio do PIB na ordem de 2%. Ou seja, nesse primeiro período, o sinal encontrado entre a variação da taxa de câmbio e a variação das importações parece atuar na direção esperada, já que, pela perspectiva das importações, uma taxa de câmbio mais depreciada levaria a um encarecimento dos produtos estrangeiros. No segundo período, de 2003 a 2011, o resultado é exatamente o oposto. A economia brasileira passou por um momento de maior crescimento econômico, e as importações acompanharam esse movimento de ampliação da absorção doméstica. A taxa de câmbio, por sua vez, registrou uma inflexão na direção de uma forte apreciação, com variação média anual negativa de 7,9%. Nesse caso, as importações foram impactadas tanto pelo crescimento do PIB quanto pela valorização do câmbio, de maneira que a atuação de ambas as variáveis se reforçou, gerando como resultado uma explosão das compras externas, que mais que quadruplicaram em valor nesses anos (taxa média de crescimento anual de 21,1%).

Gráfico 1. Evolução das importações industriais, PIB e taxa de câmbio efetiva das importações industriais no Brasil (1998 a 2018)



Fonte: Os dados de importações foram coletados no SisComex/MDIC. Os dados do PIB são do SCN/IBGE. As taxas de câmbio reais efetivas foram elaboradas a partir do banco de dados do GIC-IE/UFRJ, com base nas informações do FMI, UNCTAD e SixComex/MDIC.

Tabela 1. Taxa de crescimento anual do PIB, das importações industriais e da taxa de câmbio efetiva real das importações (1998 a 2018)

Período	PIB	Importações	Câmbio
1998 a 2003	2,1%	-6,0%	10,9%
2003 a 2011	4,4%	21,1%	-7,9%
2011 a 2014	1,8%	0,0%	6,7%
2014 a 2018	-1,2%	-4,2%	5,2%

Fonte: Os dados de importações foram coletados no SisComex/MDIC. Os dados do PIB são do SCN/IBGE. As taxas de câmbio reais efetivas foram elaboradas a partir do banco de dados do GIC-IE/UFRJ, com base nas informações do FMI, UNCTAD e SixComex/MDIC.

O terceiro período, de 2011 a 2014, é mais curto e mostra uma relativa estabilidade em relação aos demais. O PIB cresceu em média 1,8% ao ano, e as importações permaneceram basicamente constantes, enquanto a taxa de câmbio volta a descrever uma trajetória de desvalorização. Um possível efeito negativo do câmbio desvalorizado nas importações pode ter sido contrabalançado por uma taxa

anual de crescimento do PIB positiva. O período mais recente, de 2014 a 2018, marca a recessão seguida de estagnação da economia brasileira e um concomitante recuo das importações, ainda que nos dois últimos anos se observe alguns sinais de recuperação. A taxa de câmbio real efetiva para esse período permanece desvalorizada, reforçando, portanto, o movimento de queda das importações.

A contribuição tanto do PIB quanto do câmbio para o comportamento das importações pode ser medida, de forma aproximada, em termos dos coeficientes de correlação dessas séries. Na relação PIB e importações, a associação foi positiva e na ordem de 0,835, enquanto na relação câmbio e importações a correlação foi negativa e em grau inferior (-0,524). Dessa forma, apesar da taxa de câmbio exercer papel relevante na determinação dos

fluxos de comércio da indústria, as importações parecem guardar uma maior associação com as variações da absorção doméstica comandadas pela evolução do PIB do que com as variações da taxa de câmbio. A seção a seguir busca identificar de que maneira a análise estrutural da balança comercial, de acordo com diferentes grupos industriais, pode auxiliar na construção de implicações para o futuro da indústria brasileira.

Uma análise estrutural do desempenho comercial brasileiro

A dinâmica agregada da indústria não permite identificar os diferentes padrões de concorrência que nela coexistem. Daí a importância de se observar os dados em um ângulo estrutural, aqui apreendido a partir do comportamento de diferentes grupos industriais construídos a partir de uma tipologia de atividades que obedecem a padrões de concorrência semelhantes desenvolvida pelo Grupo de Indústria e Competitividade do IE/UFRJ³.

Para efeito de estilização, são considerados quatro grupos de setores: *Commodities* Agrícolas (CA), *Commodities* Industriais (CI), Indústria de maior conteúdo tecnológico (IN) e Indústria Tradicional (IT).

Os grupos CA e CI representam as atividades industriais baseadas em recursos naturais agrícolas e minerais, respectivamente, sendo caracterizados pela elaboração de produtos homogêneos e de alta tonelagem. Dada a estrutura industrial brasileira, esses grupos englobam as empresas mais eficientes do país, que utilizam processos mais atualizados e se candidatam a competir internacionalmente em custos, mesmo a despeito da contribuição negativa trazida pelo chamado custo Brasil. O grupo IN concentra as atividades mais sofisticadas tanto no plano tecnológico quanto no plano da organização da produção, sendo aquelas que introduzem e difundem o progresso tecnológico pelo tecido industrial. Por isso, têm nas inovações de produto e, também, nas tecnologias organizacionais os fatores-chave de seu

padrão de concorrência. Engloba basicamente os setores de bens de capital (mecânicos, eletrônicos), os setores de alta tecnologia (aeronáutica, exploração de petróleo em águas profundas) e, ainda, as indústrias de bens duráveis de consumo (automóveis, eletrônicos), que, por envolverem montagem em massa de produtos altamente diferenciados, requerem um nível de desenvolvimento tecnológico elevado para o seu funcionamento. O grupo IT, por fim, está relacionado aos setores que produzem tanto insumos industriais mais simples (produtos de metal, químicos diversos, material elétrico) quanto os bens-salário (têxtil, vestuário, calçados e móveis, artefatos plásticos). São, em geral, mais intensivos em trabalho e não requerem requisitos elevados de escala mínima de produção. Essa flexibilidade favorece a variedade, levando à convivência de empresas com diferentes tamanhos, linhas de produtos, capacitações e desempenhos que concorrem pela capacidade de atender à demanda com uma combinação de atributos de custos, qualidade, rapidez de entrega, customização, dentre outros.

O Gráfico 2 mostra a evolução dos fluxos comerciais entre 1998 e 2018 (a) para o conjunto da indústria e (b) para os quatro grupos industriais acima descritos, reforçando a presença de distintos padrões entre eles. Os fluxos comerciais estão registrados diretamente, como os valores verificados das exportações e importações, e indiretamente, pelos valores da corrente de comércio

³ A tipologia de grupos industriais de acordo com padrões de concorrência, proposta pioneiramente em Ferraz, Kupfer e Haguenaer (1996). *Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria*. Rio de Janeiro. Ed. Campus, vem sendo utilizada com adaptações pelo Grupo de Indústria e Competitividade do IE/UFRJ desde então. A versão utilizada nesse artigo encontra-se em Kupfer (2005) e foi posteriormente incorporada no Boletim de Indústria e Comércio Exterior – BIC realizado pelo GIC para a APEX.